

Em torno da GUERRA e da PAZ: uma despedida com regresso anunciado

Hanna Jakubowicz BATORÉO
(Universidade Aberta)

O. Nota prévia

Uma das metáforas conceptuais abordadas no presente texto, a metáfora O DEBATE É UMA GUERRA, que está na base da complexa tessitura das recorrentes intertextualidades analisadas – na citação de Joaquim Fonseca (2003), que remete para Miguel Sousa Tavares (2002), o qual, por sua vez, se reporta ao general McArthur 1945, – tem por objectivo uma projecção enquadradora sobre a jubilação da Professora Maria Emília Ricardo Marques.

Foi pela mão da Professora Maria Emília que, em 1997, entrámos no Departamento de Língua e Cultura Portuguesas da Universidade Aberta (DLCP). Foi também na sequência da sua herança imediata que nos coube – em sua substituição – desempenhar as funções de directora do DLCP, na qualidade de decana do Departamento, nos conturbados tempos decorridos entre a repentina jubilação da Professora, em Abril de 2002, e as primeiras eleições para Director de Departamento, em Outubro do mesmo ano. A perspectiva dos anos que desde a jubilação entretanto passaram permite-nos considerar que – tal como McArthur, citado por Sousa Tavares e retomado recentemente por Fonseca – também Maria Emília Ricardo Marques não abandonou ainda “o seu posto de observação”. Retirou-se, apenas, tendo em vista um “período de tréguas”. A sua despedida “não é um adeus, é (...) um até logo”. E à semelhança dos protagonistas das outras históricas citações, sabemos que podemos esperar da sua parte o mesmo remate: “Tal como disse o general McArthur nas Filipinas, vou ali e já venho.” (Miguel Sousa Tavares, 2002).

1. A imagem esquemática da GUERRA na conceptualização de eventos abstractos: Introdução

Na conferência de encerramento do Colóquio *Língua e Discurso* de homenagem ao Professor Joaquim Fonseca, realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto entre 20 e 22 de Novembro de 2003, o homenageado e prematuramente jubilado professor catedrático de Linguística, especialista internacionalmente reconhecido em Pragmática linguística, apresentou uma comunicação curiosamente intitulada “«Vou ali e já venho»: o discurso de uma despedida com regresso anunciado”.

O texto da conferência de encerramento (Fonseca, 2003) tinha por base um outro texto de despedida, desta vez do jornalista Miguel Sousa Tavares, o qual – ao anunciar o cessar das suas funções no jornal *Público*, depois de dez anos de colaboração como um dos colunistas mais conhecidos, – publicou, a 25 de Janeiro de 2002, a sua última crónica, intitulada “Vou ali e já venho”. Fazendo um balanço do desempenho ao longo dos dez anos de colaboração, Miguel Sousa Tavares declarava-se uma pessoa que cultivava “este imenso privilégio de ser colaborador do jornal de que sou simultaneamente leitor viciado e que, tanto quanto alcança a minha memória, é o melhor jornal português que eu conheci.” Pesando os prós e os contras de uma saída anunciada,

o colunista referiu-se-lhe como a um "período de tréguas que, dependendo de circunstâncias pessoais, será mais ou menos longo" e rematava: "Voltarei, se a direcção do *Público* mantiver a porta aberta e quando me sentir disponível para tal. Não é um adeus, é – espero – um até logo. Tal como disse o general McArthur nas Filipinas, vou ali e já venho". Miguel Sousa Tavares utilizava, assim, uma estratégia de sedução, na singularização positiva da sua qualidade de autor com base numa frase famosa proferida por um general americano que, em plena guerra do Pacífico, durante o Segundo Grande Conflito Mundial, no seu ponto de observação e de comando nas Filipinas, se viu obrigado a retirar para a Austrália com o objectivo de poder, posteriormente, regressar em glória, com o compromisso de uma vitória assumida. Deste modo, o autor cria um texto argumentativo de forte carga emocional – a balançar entre o eufórico e o disfórico – desprendendo-se do seu passado e suscitando, com o inesperado remate, uma certa intranquilidade no leitor. O cerne do seu artigo é a constituição do debate entre o AQUI, de que parte, e o ALI, para o qual se ausenta, conceptualizando-o como um Espaço-Tempo de GUERRA. Esta conceptualização é realizada através da metáfora O DEBATE É UMA GUERRA – Cf. Lakoff e Johnson 1980, bem como os estudos posteriores desenvolvidos no enquadramento teórico da Linguística Cognitiva – efectuada entre o AQUI recente e imediatamente anterior ao presente da ruptura e o ALI (vagamente) futuro, segundo as linhas de análise discursiva propostas por Joaquim Fonseca (2003).

O AQUI do passado abrange os dez anos de actividade jornalística de Miguel Sousa Tavares, constituindo um balanço e a reafirmação das grandes linhas da actuação realizada que o Autor se propõe retomar no ALI futuro, sobre o qual perspectiva a retoma das mesmas linhas e dos mesmos parâmetros de acção. Do elogio feito ao *Público*, o Autor retira um auto-elogio, em que surge como um herói viciado no jornal com o qual mantém uma relação compulsiva: "Aqui e lá fora, não ignoro que muitas coisas vão suceder que me darão uma tremenda vontade de me voltar a sentar no computador e regressar numa sexta-feira de manhã. Mas é seguramente presunção minha pensar que farei falta aos que me lêem como escrever para eles me faz falta a mim. Pelo contrário, estou certo de que este período de tréguas que, dependendo de circunstâncias pessoais, será mais ou menos longo, só fará bem a mim e aos leitores." O lugar ao computador é a sua Casa, o seu "lugar de comando" e observação em que se dedica a esgrimir as armas aplicadas à ordem social: o *Poder da Palavra* ou, mais precisamente, o *Poder do Discurso*. É uma celebração de um Espaço-Tempo de identificação persistente com o universo do diário, de uma localização do desejo permanente, da coragem e, consequentemente, da visibilidade da missão do Autor: "Dizem-me os meus críticos que sou incapaz de dizer bem e que, portanto, passei dez anos a dizer mal de tudo. Não sou insensível à crítica e acho até que ela, factualmente, está, em grande parte, correcta. Pergunto-me é se poderia e deveria ter sido diferente. Qual é a verdadeira obrigação do jornalista e do colunista de opinião? Quem dará a notícia do mal, se eles não o derem?"

Por conseguinte, o ALI parece afigurar-se – por contraste – como a PAZ, como o abrigo do desgaste do AQUI; um Espaço-Tempo de silêncio e de invisibilidade procurada: "Dez anos dão-me o direito de também aspirar à paz das coisas inócuas. E nada melhor do que o meu próprio silêncio e resguardo para conseguir tréguas". No entanto, o ALI só aparentemente é um Espaço-Tempo favorável, pacífico e silencioso. É, de facto, um exílio voluntário do Autor, que fica com os olhos, a razão e o coração postos permanentemente no AQUI. O ALI acaba por se construir não como a PAZ, mas como a GUERRA: a guerra do autor consigo próprio, bem como com os outros autores, a guerra contra o insustentável apelo do AQUI e a inevitabilidade do regresso: "Chegou a altura de parar ou interromper. De fazer, pelo menos, uma licença sabática, dedicada a ler só o que os outros escrevem, a ler outras coisas, fora daqui e desta premência, a pensar no que

eu próprio escrevi, a tentar fazer outras coisas, ver as coisas mais de fora e mais desligado." Assim, construído ao longo do texto, o ALI afigura-se deserto de conteúdo específico, por remeter sempre para o AQUI, como uma resposta ao terror do desassossego e ao desamparo que oferece.

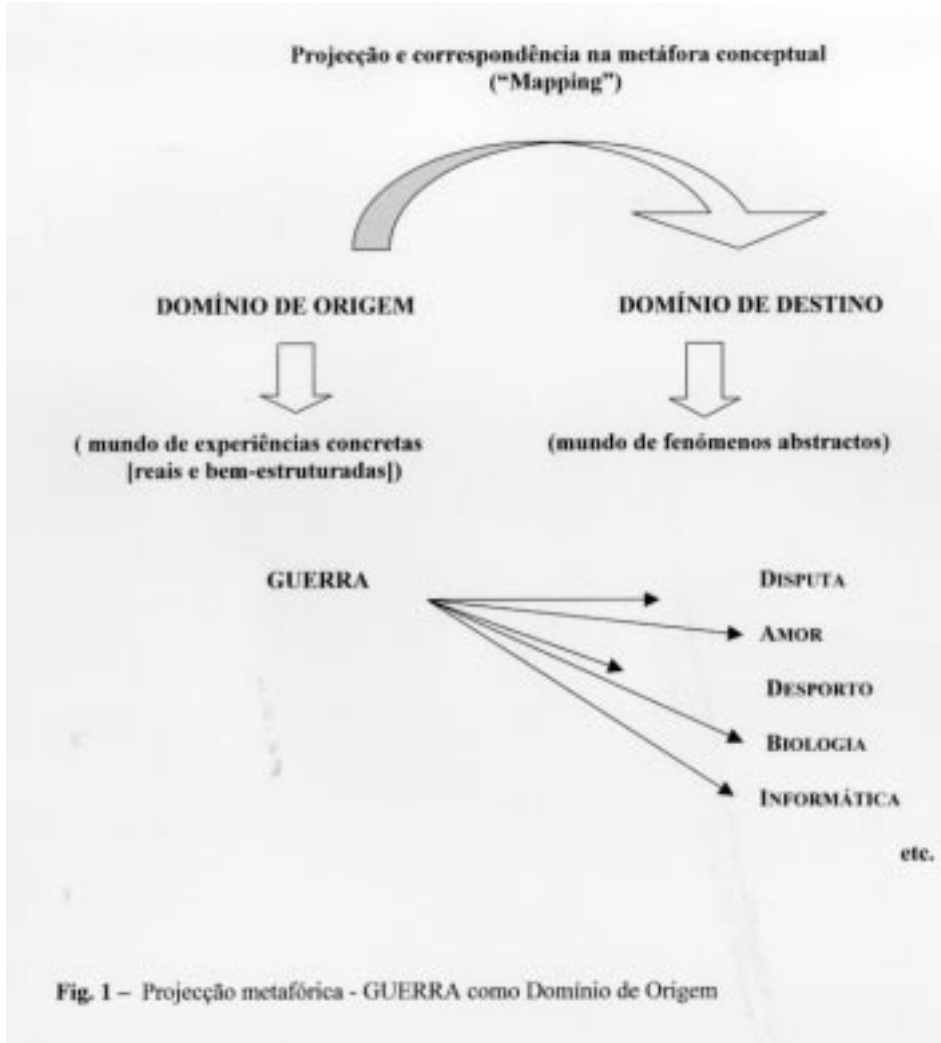
A pretensa distanciação entre o AQUI e o ALI leva à ALTERIDADE do EU. Numa primeira instância, o EU do ALI poderá olhar para o EU do AQUI para "ver as coisas mais de fora e mais desligado". No entanto, o remate final: "Vou ali e já venho" desfaz a distância. As razões de afecto levam o Autor a anular a ténue fronteira: o "já" implica a não-distância entre o EU do AQUI que parte: "Vou ali" e o EU do ALI do "e já venho". O regresso anunciado não permite despedidas; exige apenas uma distanciação no ESPAÇO-TEMPO do próprio EU com o objectivo de o enriquecer.

E foi assim, e na sequência da conceptualização da sua partida, acima traçada, que o homenageado Professor Joaquim Fonseca se despediu com um "Não é um adeus; é um até logo!" da plateia do Anfiteatro Nobre da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que o aplaudia em pé.

2. A conceptualização de fenómenos abstractos em termos de actividade bélica: GUERRA como Domínio de Origem

A metáfora conceptual O DEBATE É UMA GUERRA – tal como exemplificado pela análise do Joaquim Fonseca com base no artigo da autoria de Miguel Sousa Tavares – apresenta o mecanismo de funcionamento de um dos pilares conceptuais da Linguística Cognitiva. De acordo com este enquadramento teórico, a metáfora conceptual consiste na projecção da estrutura de um domínio cognitivo noutro, considerado como distinto. Esta projecção efectua-se através de uma série de correspondências ("mapping") ontológicas e epistémicas, fazendo com que os domínios mais abstractos da experiência sejam conceptualizados em termos de experiências concretas e imediatas (Fig. 1). No caso em apreço, um domínio abstracto, o DEBATE (no âmbito da alteridade do EU do próprio Autor), é conceptualizado como a GUERRA, entendida, aqui, na sua dimensão de experiência bélica concreta, executada através de uma série de componentes indispensáveis para a sua realização. Como experiência concreta, uma guerra é conceptualizada como (i) *um confronto* de dois adversários, dos quais – prototipicamente - (ii) *um ganha* e (iii) *o outro é derrotado*, enquanto o próprio confronto é organizado com (iv) o recurso a *armas* específicas e por *etapas*: há (v) *avanços* e (vi) *recuos* de ambas as partes, efectuados (vii) num *campo de batalha* de acordo com (viii) uma série de *estratégias* bem delineadas. Para que a metáfora conceptual funcione, as componentes do domínio da *experiência concreta* são projectadas sobre o *domínio abstracto*, criando-se *correspondências* entre as componentes dos dois domínios. Assim, num domínio abstracto do DEBATE existe, em geral, (i) *um confronto* entre *dois adversários*, em que (ii) *um ganha* e (iii) *o outro perde*, desenvolvendo-se a (iv) *discussão* – em que se *esgrimem as capacidades discursivas* – de acordo com o esquema da acção bélica por (v) *avanços* e (vi) *recuos* de ambas as partes. A especificidade do DEBATE em apreço consiste em aspectos que particularizam as partes beligerantes (i) e (ii): trata-se de uma guerra interna do próprio Autor entre (i) o EU do AQUI e (ii) o EU do ALI, em que (vi) o campo abstracto de batalha – entre o AQUI e o ALI – é um constructo abstracto efectuado pelo próprio Autor. Uma vez projectado sobre um domínio concreto e encontradas as correspondências entre os dois domínios – ou seja, uma vez efectuado o "mapping" conceptual entre os dois espaços mentais –, o abstracto aparece mais tangível e "apreensível" nas novas coordenadas concretas do espaço da experiência imediata.

Note-se que a metáfora conceptual da GUERRA é muito comum, quer na linguagem desportiva (vejam-se os *avanços* e os *recuos*, p. ex., *nos adversários* dos encontros de futebol, ou as peças de xadrez que *matam* – ou *comem* – as outras peças de acordo com as *estratégias* pré-estabelecidas das regras do jogo), quer na científica (observem-se os vírus que *atacam* as células para as *derrotar* ou – por extensão – os vírus informáticos que *atacam* os programas do computador e *eliminam* os dados armazenados) quer, ainda, na linguagem quotidiana da vida em sociedade. Neste último âmbito, observem-se os *jogos de poder*, efectuados a todos os níveis, nos espaços político, académico ou empresarial. Em todas as comunidades, há sempre quem queira, p. ex., *identificar previamente o inimigo* para – numa *estratégia de guerrilha* – o poder *eliminar* do jogo, com o objectivo de *poder avançar*, p. ex., num concurso e – já sem *adversários* (previamente *identificados*, *eliminados* e/ou *derrotados*) – de poder *ganhar a corrida* numa *investida final*.



3. Metáforas utilizadas na conceptualização da GUERRA: GUERRA como Domínio de Destino

Muito rico em metáforas conceptuais é o discurso político. No entanto, quando o discurso político se debruça sobre a GUERRA, a conceptualização efectuada (Fig. 2) é diferente da que acima se apresenta. Neste caso, e ao contrário do que sucede na situação anterior, a GUERRA constitui o domínio abstracto, de difícil apreensão; é frequentemente tratada como um tabu que convém silenciar (total ou parcialmente) ou, então, exprimir – eufemisticamente – utilizando conceitos mais concretos (e/ou menos abstractos) e mais imediatos. A guerra real que mata e destrói pode ser conceptualizada de vários modos, conforme a *perfilação* (ou focalização) efectuada pelo transmissor da informação (político, jornalista, estropiado de guerra, etc.).

Caso paradigmático é o das Guerras do Golfo (de 1991 e de 2003). Os esquemas de conceptualização nelas utilizados apresentam-se transparentes num espaço de opinião do jornal *Expresso*, concretamente na coluna *Carta Branca*, em que, a 1 de Novembro de 2003, o colunista Carlos Medina Ribeiro escreve: "Em plena invasão do Iraque, um jornalista perguntou a um cidadão barrigudo (com uma espingarda obsoleta e "protegido" com sacos de areia) o que estava ali a fazer. "Defendo a minha terra" – respondeu ele. A mesma pergunta, feita a um soldado do outro lado, deu origem a uma displicente resposta: "Pagam-me para isto...". Mas o mais certo é que o primeiro tenha passado a ser referido como um «mercenário» e o segundo como um «libertador»."

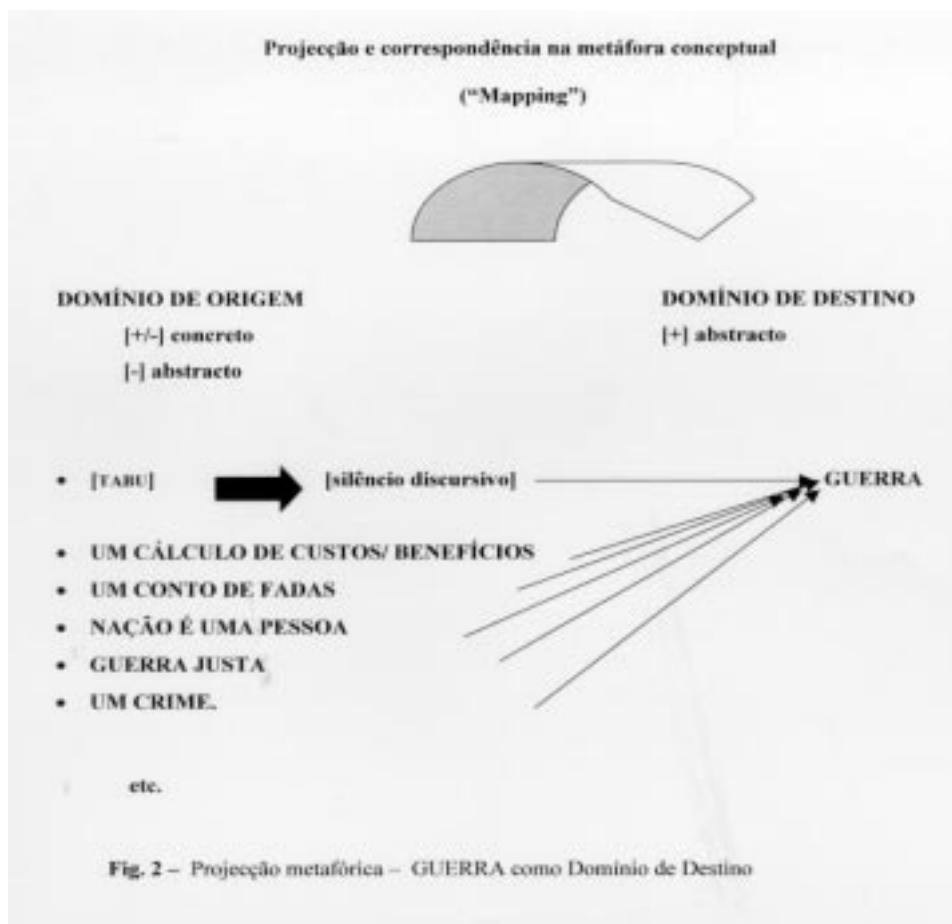
O que transparece no texto citado encontra paralelismos com o que Lakoff (1992) demonstra no seu estudo pioneiro, centrado no discurso ocidental sobre a Primeira Guerra do Golfo (1991), exemplificando como o pensamento metafórico pode transformar *uma guerra ilegal* numa *guerra justa* ou num *mal menor*. Lakoff defende que existe uma série de metáforas de base que servem para operacionalizar o pensamento bélico. Assim, a racionalização da guerra é feita (1) através da metáfora utilizada pelo general prussiano von Clausewitz: A GUERRA É UM CÁLCULO DE CUSTOS/BENEFÍCIOS. De acordo com este enquadramento conceptual, as baixas e a destruição causadas pela guerra são aceites como um mal menor num confronto bélico em que os benefícios ganhos são a expulsão do invasor e o enriquecimento dos vencedores com o petróleo mais barato. "Pagam-me para isto...", declara o soldado das forças invasoras do Iraque, reduzindo a realidade em que se encontra a uma simples folha de cálculo.

No entanto, a legitimação da GUERRA – tal como aconteceu na Guerra do Iraque – pode ser alcançada pelo emprego de (2) uma outra metáfora: A GUERRA É UM CONTO DE FADAS. Esta conceptualização implica a identificação dos actores de guerra: *o herói*, *o vilão* e *a vítima*. No caso da Primeira Guerra do Golfo, do ponto de vista do analista ocidental (Lakoff, 1992), *o vilão* é o Iraque, *a vítima* é o Kuwait e *o herói* são os Estados Unidos. No caso da Segunda Guerra do Golfo, com base no discurso do trecho jornalístico acima apresentado, podemos distinguir duas perfilações diferentes: a iraquiana e a ocidental. Se a focalização da GUERRA for feita a partir da perspectiva de *um cidadão barrigudo (com uma espingarda obsoleta e "protegido" com sacos de areia)*, cuja actividade se resume na declaração: "*defendo a minha terra*", *o vilão* é "o soldado do outro lado", ou seja, são os Estados Unidos que invadiram o Iraque, enquanto o cidadão iraquiano que – abnegadamente – defende a sua terra do opressor desempenha, simultaneamente, o papel da *vítima* e do *herói*. No entanto, e tal como se refere no próprio texto: "mas o mais certo é que o primeiro tenha passado a ser referido...", ou seja, a focalização ocidental não corresponde à *perfilação* iraquiana. Assim, o "cidadão barrigudo" é conceptualizado como *vilão* e referido como

"mercenário", aparentemente manipulado pelo discurso bélico da parte iraquiana, enquanto "o soldado do outro lado", pago pela sua actividade, é conceptualizado como "libertador". No contexto da Segunda Guerra do Golfo, a metáfora utilizada é (3): NAÇÃO É UMA PESSOA e o Iraque é identificado com Sadam Hussein. Assim, a GUERRA não é dirigida contra o povo iraquiano, mas contra Sadam e o objectivo do "soldado do outro lado" é "libertar" o povo iraquiano do seu opressor: Sadam. Voltando à conceptualização: A GUERRA É UM CONTO DE FADAS, desta vez, *o vilão* é Sadam, *a vítima* é o povo iraquiano e – mais uma vez – *o herói* são os Estados Unidos.

A GUERRA de UM CONTO DE FADAS é (4) uma GUERRA JUSTA. Do ponto de vista iraquiano, uma GUERRA JUSTA é efectuada em "legítima defesa", enquanto que do ponto de vista dos americanos e dos seus aliados, se trata de uma "guerra de libertação". Como aponta Silva (2003b): "Na guerra do Golfo I, Bush-pai experimentou a história da «legítima defesa»: Sadam era uma «ameaça para o nosso petróleo». Mas a história mais convincente foi a da «libertação» do Kuwait». Na guerra do Golfo II, Bush-filho promoveu as mesmas histórias com algumas variantes: a associação de Sadam à Al Qaeda, variante da «legítima defesa», e o reconhecimento de que as vítimas são, não só o povo iraquiano, como também os países vizinhos e, até mesmo, o mundo inteiro, relativamente à história de «libertação»."

As metáforas utilizadas para a legitimação da GUERRA, e atrás exemplificadas de (1) a (4) (cf. Fig. 2) a propósito das Guerras do Golfo (I e II), são igualmente reconhecidas noutros contextos de GUERRA, tal como, por exemplo, na Guerra do Kosovo (Abrantes, 2001 e 2002) ou na Guerra Colonial (Batoréo 2003a e 2003b). No entanto, noutros contextos de discurso bélico, surge (5) a metáfora A GUERRA É UM CRIME. Uma vez acabada a guerra colonial (Batoréo 2003a e 2003b), o soldado português, inicialmente manipulado pela ideologia legitimadora da guerra, consubstanciada na célebre trilogia "Deus, Pátria, Família", toma consciência da sua realidade, focalizando – metonimicamente – A GUERRA como a causa original, *em que todos os seus participantes são perdedores*, engolidos pela sua máquina dilacerante. Assim, a catarse só pode surgir se a consciência das vítimas lhes permitir uma identificação correcta do poder destrutivo da GUERRA e um encaminhamento rumo à construção de uma realidade da PAZ.



4. Em jeito de conclusão

A semântica tradicional não consegue abrir a porta à “simples” descrição da relação entre a palavra e o mundo extralinguístico, quer se trate de uma entidade quer de um estado de coisas. É esta a dimensão que a Linguística Cognitiva procura actualmente levar até às últimas consequências. O sistema conceptual que emerge da experiência humana no dia a dia está a servir de base para a semântica em sentido amplo. O problema está em encontrar regularidades na correspondência entre a dimensão conceptual – e não a do mundo real tal como ele é, mas de modo como o “apreendemos” e conceptualizamos - e a expressão verbal estudada em Linguística.

Com o presente estudo procurámos demonstrar, exemplificando, quais são as *regularidades* que se podem traçar quando se pretende (i) apresentar uma realidade abstracta (tal como um debate interior de um académico) em termos de uma actividade bélica de linhas mestras bem delineadas. A seguir, propomo-nos inverter os domínios entre os quais se operam as projecções e as correspondências metafóricas. Se, por um lado, a actividade bélica é bem determinada, por outro, (ii) a guerra real é um tabu com que, no fundo, não sabemos lidar. Para a fazer representar,

costumamos servir-nos de outras conceptualizações, mais próximas da nossa vida quotidiana, do nosso imaginário básico que nos transmite mais segurança para enfrentar o "indizível".

Acontece, no entanto, que quem utiliza as metáforas com grande destreza age sobre o imaginário e sobre as conceptualizações feitas por outros. Manipula-os. Domina-os. Exerce sobre eles um poder que só a palavra pode veicular.

Conforme mostram vários estudos elaborados para demonstrar a realização do mesmo tipo de conceptualização em diferentes línguas vivas, o poder cognitivo e comunicativo da metáfora conceptual pode vir a ser manipulativo e, mesmo, destrutivo.

Em jeito de conclusão, terminamos citando Lakoff: "The use of a metaphor with a set of definitions becomes pernicious when it hides realities in a harmful way" (1992: 463) e "(...) metaphors backed up by bombs can kill" (1992:481).

Nota: A grafia das metáforas conceptuais em maiúsculas constitui convenção no âmbito de Linguística Cognitiva.

Bibliografia

Abrantes, Ana Margarida

(2001) "Guerra, paz, ou pacificação? Aspectos semânticos e pragmáticos do eufemismo na imprensa", in: Silva, A. S. da (org.) (2001) – *Linguagem e cognição: a perspectiva da linguística cognitiva*, Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, 79-98.

Abrantes, Ana Margarida

(2002) *É a Guerra. O uso do eufemismo na imprensa. Um estudo contrastivo em Linguística Cognitiva*, Viseu: Passagem Editores.

Batoréo, Hanna Jakubowicz

(2004) "The taboo of war and WAR metaphoric conceptualisation: song lyrics of the Portuguese colonial war", in: Silva, Augusto Soares da (eds.) – *Linguagem, cultura e cognição: estudos de Linguística Cognitiva*, Coimbra: Almedina, 185-202.

Batoréo, Hanna Jakubowicz

(2003) "Modes of culture, taboos, and metaphor production in European Portuguese: what do we need WAR and WARIORS for?", in: *Researching and Applying Metaphor Conference – RAAM5 Conference*, University of Paris 13, September 3-5, 2003.

(2005) *Linguística Portuguesa – Abordagem Linguística*. CD Rom. Universidade Aberta, Lisboa.

Fonseca, Joaquim

(2004) "«Vou ali e já venho»: o discurso de uma despedida com regresso anunciado", in: F. Oliveira e I. M. Duarte (org.) – *Língua e Discurso*, Colóquio em Homenagem a Joaquim Fonseca, Corpo das Letras, Porto, 99-156.

Geeraerts, Dirk; Grondelaers, Stefan

(1998) "Vagueness as a euphemistic strategy" in: Athanasiadou, A. & Elzbieta Tabakowska (eds.) – *Speaking of Emotions*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 357-374.

Lakoff, George

(1992) "Metaphor and war: the metaphor system used to justify war in the Gulf", in: Pitz, M. (ed.) – *Thirty years of linguistic evolution. Studies in honour of René Dirvin on the occasion of his sixtieth birthday*. Philadelphia, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 463-481.

Lakoff, George

(2003) "Cognitive activism: the importance of cognitive linguistics for politics", communication presented at *Language, culture, and cognition. An international conference on cognitive linguistics*, Braga, July 16-18, 2003.

Lakoff, George; Johnson, Mark

(1980) *Metaphors we live by*, Chicago: The University of Chicago Press.

Lakoff, George; Turner, Mark

(1989) *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press.

Orwell, George

(1946/1994) "Politics and the English language", in: George Orwell – *The Penguin Essays of George Orwell*, London: Penguin, 1994.

Silva, Augusto Soares da

(2003) "O poder cognitivo de protótipos, imagens e metáforas", in: *Revista Portuguesa de Humanidades*, Dez. 2003, Vol. 7, 13-75.

Silva, Augusto Soares da

(2004) "Semântica cognitiva e análise do discurso", in: F. Oliveira e I. M. Duarte (org.) – *Língua e Discurso - Colóquio em homenagem a Joaquim Fonseca*, Campo das Letras, Porto, 601-622.

Sousa Tavares, Miguel

"Vou ali e já venho", in *Público*, 25 de Janeiro de 2002.